«Medida por medida», de William Shakespeare, pela Companhia de Teatro de Almada

Domingos Lobo

O que importa à lei se ladrões julgam ladrões? O que lhe vem à mão, a lei agarra. Medida por medida.

Sala esgotada no Teatro Municipal Joaquim Benite, em Almada. Estamos a meio da plateia, a visibilidade do imenso palco é plena. O pano está aberto, como é habitual em encenações que não pretendem esconder o jogo para além da trama que os actores irão desenvolver ao longo da acção. O cenário não está visível, embora alguns contornos sejam definíveis. Vemos, no entanto, que a implantação cénica abrangerá a totalidade do palco. Acendem-se os projectores e um fabuloso cenário, pleno de significados, espanta-nos um olhar já habituado à grandiosidade cénica, à plasticidade, aos elementos conceptuais que saem das oficinas de prodígios do cenógrafo José Manuel Castanheira: um estrado, em plano superior, é o espaço do poder e seus sequazes. Dali saem as ordens do poder, o Duque (João Didelet, desdobrando-se em duas difíceis personagens), que irá delegar esse poder em Ângelo (um convincente André Pardal) e Éscalo (um eficaz Duarte Guimarães), as determinações para submeter o povo miúdo, esse bando de arruaceiros, de viciados, de degenerados que é necessário manter em permanente e férrea vigília. A populaça que habita os tugúrios, em forma de esgotos, do plano inferior.

Um ecrã gigante, tridimensional, projecta as falas de algumas personagens, como o Duque e Ângelo, os altos muros de betão, sem janelas, onde o poder habita (o poder, por absoluto que o seja, tem sempre medo), as cargas da polícia de choque sobre manifestantes (magníficos os vídeos de Pedro Castanheira), pormenor não despiciendo, dado que é a partir da contínua projecção da violência do poder e de outros sinais, como o guarda-roupa, que o encenador transporta o texto de Shakespeare para a realidade dos nossos dias.



Em «Medida por medida», Shakespeare quis representar a Inglaterra do seu tempo – a peça foi escrita e representada entre 1603/4 –, transpondo a acção para uma hipotética Viena, não fosse o rei Jaime I encontrar nela conotações críticas à sua governança e à Londres dos inícios do século XVII, com seus bordéis, degeneração, usura, fome – e uma justiça selectiva e inoperante. Medida por medida, foi inicialmente considerada no lote das comédias do Bardo, mas acontece que, ao contrário de outras que têm quase sempre finais felizes, nesta, mesmo com ligeiras incursões pelos domínios da comédia, cortam-se cabeças, o que faz com que a peça seja incluída nos textos politicamente comprometidos do autor de Rei Lear, apesar de algumas cenas em que a comicidade se estabelece de modo um tanto grosseiro, sobretudo naquelas em que a prostituta Bem Passada (que Marina Albuquerque constrói de forma expressiva), Pompeu, alcoviteiro e dono de bordel (João Cabral, em registo pícaro), Puído (Pedro Walter, um pertinaz executante da justiça) e Lúcio (Duarte Grilo, notável), o único capaz de se interrogar perante o absurdo da lei anticorrupção, que visa castigar todos os que tenham relações sexuais antes do casamento.

Shakespeare encena nesta peça uma parábola sobre a hipocrisia do poder e os mecanismos da corrupção

Ângelo é escolhido pelo Duque de Viena, que se irá ausentar da cidade, para o substituir e fazer aplicar as leis contra os costumes e a degeneração geral. Ângelo, conhecido como severo e implacável, zeloso e puritano, condena Cláudio à morte, por este não ter seguido o comportamento ético a que a lei obriga, tendo relações sexuais com a noiva, Julieta, antes do casamento, deixando-a grávida. Isabela (poderoso registo dramático de Maria João Falcão), irmã de Cláudio, tenta interceder, pedindo-lhe que o poupe a tão trágico fim, mas Ângelo exige em troca a sua virgindade.

Shakespeare encena nesta peça uma parábola sobre a hipocrisia do poder e os mecanismos da corrupção, quando esse poder é exercido, não no cumprimento do que está expresso na lei, mas interpretando-a de acordo com a vontade e os interesses de quem detém de a mandar executar. Num exaltante final, encenado de forma operática por Ignacio García, Ângelo será publicamente desmascarado pelo Duque e por Mariana, antiga noiva de Ângelo e o público presente na sala participará, em imagem directa projetada em vídeo, nesse julgamento.

O encenador Ignacio García é já conhecido, e reconhecido, do público da CTA, onde encenou, sempre com a colaboração do dramaturgista José Gabriel López Antuñano, «História do Cerco de Lisboa», de José Saramago, «Reinar depois de morrer», de Luis Vélez de Guevara e «Nem come nem deixa comer», de Lope de Vega.

Numa das passagens da peça, e pela voz da prostituta Bem Passada, esta dirá a Ângelo uma frase bíblica de Mateus 7:2 – «Porque com o juízo com que julgardes sereis julgados, e a medida com que medirdes será aquela que vos medirá.» E uma outra frase muito presente nesta peça: «Os infelizes não têm outro remédio senão a esperança.» Seguindo a ideia central com que Ignacio García encenou este texto, eu substituiria «esperança» por «luta», num espectáculo em que tudo se conjuga, encenação, cenário, interpretações e texto, para justificar uma ida ao Teatro Joaquim Benite.